

CARTOGRAFIAS DO COMUM:

experiência de uma prática curatorial colaborativa entre universidade,
movimentos sociais e coletivos

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar a experiência curatorial horizontal e assembleária adotada no projeto “Cartografias do Comum”, que consiste em ações incluindo exposição em processo, acompanhada de seminários e publicações, envolvendo grupos de pesquisa universitários, movimentos sociais e ambientais, coletivos artísticos, ocupações urbanas e outros agrupamentos que têm instaurado práticas de produção em Belo Horizonte.

Palavras-chave: cartografia; comum; multidão; atlas; copyleft; coletivo

1. Introdução

O “Cartografias do comum” é uma proposta para a realização de um evento que vem sendo organizado pelo Grupo de Pesquisa Indisciplinar¹, juntamente com o Espaço de Conhecimento da UFMG², que faz parte do circuito cultural da Praça da Liberdade.

Tendo como foco a consolidação do conhecimento sobre as práticas do comum nas cidades contemporâneas, e acerca das novas relações sociais e de poder delas derivadas, o projeto vem experimentando a instauração de um processo museológico horizontal e desierarquizado. Esse trabalho baseia-se em uma metodologia curatorial coletiva e colaborativa, que tem promovido a partilha das tomadas de decisões e das funções museológicas entre as equipes do museu Espaço do Conhecimento, o Grupo de Pesquisa Indisciplinar e diversos grupos e atores sociais. A ideia central consiste na realização de um processo que coloque em ação dinâmicas de organização referenciadas em procedimentos oriundos das ruas, das assembleias populares horizontais e dos movimentos sociais autônomos. Pretende-se, com esta prática experimental, investigar novas metodologias colaborativas e participativas capazes de produzir tecnologia social, que envolva constituição desierarquizada na produção do conhecimento e da cultura.

¹ O INDISCIPLINAR, é um Grupo de Pesquisa do CNPQ sediado na Escola de Arquitetura da UFMG, e tem suas ações focadas na produção contemporânea do espaço urbano. Considerada o espaço social e os processos de globalização e mundialização - os impasses, questões e potencialidades dela decorrentes - toma-se o urbano em sua capacidade de engendrar singularidades. A dimensão do comum é a idéia norteadora das práticas do grupo, bem como elemento articulador de sua composição e atuações diversificadas. O grupo é formado por professores, pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação oriundos de diversos campos do conhecimento (Arquitetura, Economia, Geografia, Letras, Direito, Filosofia, Engenharia, Design, Biologia, Sociologia, Antropologia, dentre outros) e de várias instituições

² O Espaço do Conhecimento UFMG é um espaço de formação e divulgação científica, criado para aproximar a população do conhecimento através de recursos tecnológicos e audiovisuais, de maneira lúdica e interativa. Um museu onde nada é estático: é dinâmico, em constante transformação e movimento, assim como o conhecimento. Física, filosofia, antropologia, arqueologia, biologia, literatura, linguística e ecologia são alguns dos temas explorados nos quatro andares do edifício, oferecendo ao público o que há de mais avançado nas pesquisas universitárias. O Espaço faz parte do Circuito Cultural Praça da Liberdade, criado para democratizar a cultura, a arte, a tecnologia e a educação em Minas Gerais. Os antigos prédios públicos estão sendo transformados em espaços que buscam espelhar a diversidade e espalhar a cultura, no maior conjunto integrado de cultura do Brasil: acervos históricos, artísticos e temáticos; centros culturais interativos; biblioteca e espaços para oficinas, cursos e ateliês abertos; além do Espaço do Conhecimento UFMG.

Portanto, a união destes dois grupos, envolvidos com a produção do conhecimento na UFMG, teve como principal objetivo a ocupação de uma instituição museal importante no circuito oficial de cultura belorizontina durante o período da Copa, trazendo à tona temas e processos que, certamente, não seriam tratados pelos mecanismos oficiais institucionais (Museus, grande imprensa, publicidade do Estado e da FIFA) durante este período.

Uma das principais diretrizes curatoriais tem sido mapear a produção do comum na Região Metropolitana (ações fora da lógica do Estado e do mercado), já aproveitando as pautas e ações, tanto dos grupos acadêmicos envolvidos, quanto dos movimentos sociais que participam do processo. O projeto curatorial de todo o evento vem sendo construído através de reuniões horizontais nas quais todos propõem temas e modos de expor as pesquisas. Tem sido objetivo também, repensar as instituições a partir dos movimentos multitudinários globais que ganharam forma com maior intensidade no Brasil a partir das jornadas de junho de 2013, que em linhas gerais, incluem pautas progressistas que atravessam os temas a serem trabalhados nos workshops, no espaço museal e nas ações conectadas diretamente com as comunidades e ocupações envolvidas.

“Processos de auto-organização, horizontalidade e democracia real – na atualidade, há uma emergência, em escala global, de inúmeros processos de reordenamento da vida política e social. O que eles possuem em comum é o fato de buscarem a construção de novas plataformas de organização da vida em conjunto, que sejam capazes de fortalecer a democracia e instaurar a liberdade. Escapando à lógica da ação governamental e dos mecanismos de mercado, esses processos são organizados pela multidão que move potentes práticas colaborativas, orientadas para a construção do comum. E como a multidão produz o comum? Na multidão, a pessoas não se tornam iguais - elas mantêm suas diferenças, que se expressam de forma livre e igualitária, na prática da vida em conjunto. A multidão não se confunde com o povo, que é próprio do Estado-Nação. A noção de povo reduz toda diversidade a uma identidade única. A multidão reúne múltiplas singularidades. Multidão também não é massa, que é própria do mercado. As massas são homogêneas, uniformes. A multidão é colorida, composta pela diversidade de culturas, etnias, gêneros, formas de trabalho, modos de viver e desejar. Assim, é no exercício e no atrito de suas diferenças internas que a multidão descobre aquilo que a permite se comunicar, trabalhar, agir e sonhar em comum. É nesses encontros de corpos singulares e felizes, propiciados pela multidão, que surgem alternativas para a construção da liberdade e diretrizes mais igualitárias para a ordenação da vida. Assim, o comum não pode ser dado e definido por antecipação. Ele é o produto dos novos circuitos de colaboração e cooperação, acionados pelo trabalho e pelo afeto da multidão. Ele é fruto do

exercício radicalmente democrático das singularidades e resulta de formas de pensar e agir que superam conceitos excludentes como público/privado, indivíduo/coletivo, cultura/natureza, corpo/alma. O comum não é um objeto, mas um projeto da multidão. Para entender como é construído esse projeto da multidão, essa exposição busca mapear os lugares em que os processos multitudinários instauraram o comum. O propósito é o de dar a conhecer e constituir as múltiplas formas de constituição do comum, no desejo pela criação de uma sociedade igualitária, aberta e inclusiva.” (Texto de apresentação da exposição em painel principal)

2. A construção coletiva e as múltiplas ações realizadas e em processo

O evento “Cartografias do Comum” está acontecendo entre os meses de junho e agosto de 2014 e vem agenciando exposição, workshops, mostras de vídeo, debates e seminários envolvendo grupos de pesquisa da UFMG, movimentos sociais, ambientais, culturais, grupos artísticos, ocupações, e outros que vêm desenvolvendo ações que envolvam a produção do comum, ou seja, de uma crescente autonomia com relação tanto ao Estado quanto ao mercado. Neste sentido, como forma de experimentar novos processos curatoriais e de gestão de eventos, há uma tentativa de rever o papel das instituições dentro da atual crise da representação e envolve, no nosso caso, mais especificamente, a revisão do papel da Universidade e das instituições culturais, incluindo aí os processos, tanto de gestão de equipamentos e projetos, quanto os processos de produção de cultura e conhecimento. Para atingir estes objetivos e experimentar novos modos de organização, estamos adotando formatos de reuniões que utilizam um pouco da lógica assembleária³. Algumas diretrizes são conceituais e políticas, já apontando direções éticas que deverão permear todo o processo, desde a concepção até a realização.



FIG. 01 - Reuniões assembleárias para decisões curatoriais e de produção do evento

³ É interessante ressaltar que este processo de produção de conhecimento de maneira horizontal, através da troca de modos de fazer desierarquizada, aproxima universidade e sociedade, além de cruzar diversos grupos de pesquisa, e atores oriundos de toda UFMG, trazendo inclusive, alguns Trabalhos de Conclusão de Curso, e atividades que envolvem muitos alunos de disciplinas integradas à pesquisa e à extensão, coletivos de produção do comum que surgem dentro das Unidades, etc. Alguns espaços e ocupações culturais como o Espaço Comum Luiz Estrela e diversos movimentos culturais, ambientais e sociais multitudinários como: Tarifa Zero, Real da Rua, estão envolvidos no processo junto de grupos de direitos humanos como Brigadas Populares e Margarida Alves.

Desde o princípio do planejamento tático deste evento, um dos objetivos principais foi perfurar a instituição de produção de conhecimento e cultura com o mundo cotidiano dos movimentos sociais e ativistas da cidade ligados à produção do comum. Portanto, as propostas para exposição vêm surgindo coletivamente e todos estão interferindo nos trabalhos uns dos outros e construindo novos projetos e grupos híbridos. A idéia tem sido reunir grupos singulares para que desenvolvam um projeto sem autoria e funcionem apenas como vetor de passagem de fluxos, potencializando as forças de forma maquínica e indisciplinar.

A programação do projeto se divide em vários módulos que se cruzam entre si tematicamente e também com grupos e pessoas que atuaram em diversas ações, incluindo construção de mobiliário expográfico e divulgação, num processo que já inclui a cartografia como método de copesquisa, fazer junto, pesquisa-ação coletiva que mapeia o real, mas o constrói no processo.

“Cartografar os espaços do comum em Belo Horizonte

Campos de futebol, vilas, ocupações, superfícies urbanas, festas, hortas, assembleias populares, manifestações políticas ou culturais por toda a cidade, constroem os comum urbanos. Os **espaços do comum** aqui tratados não são apenas utopia, mas têm sido algo efetivo, real, imanente, e vem ocupando a cidade de forma exponencial nos últimos anos. Nestes espaços surgem novas práticas sociais, que superam a oposição público/privado e subvertem relações de exclusão e segregação social.

Cartografar estes **espaços do comum**, via mapeamentos, tem sido cada vez mais importante! Mais que uma forma de representar ou descrever lugares, a cartografia é um método de produção do conhecimento e de novos modos de vida, auxiliando assim na constituição da realidade. A **Cartografia do Comum** aqui proposta pretende auxiliar à produção do comum através: da experiência da localização das transformações espaciais, do acompanhamento mais atento aos processos, da percepção das conexões possíveis entre os comuns urbanos e os novos modos de vida do cotidiano.

Participe dessa cartografia coletiva e colaborativa!

Nos ajude a ocupar os mapas usando os adesivos (post its) para localizar os **espaços do comum** no Atlas das Insurgências Multitudinárias, tanto na Linha do Tempo (no painel vertical) quanto no Mapa (no piso).

A exposição Cartografias do Comum é aberta e está em construção

Essa exposição pretende ser um lugar da constituição de novos processos de produção do comum. Todo o conhecimento aqui produzido e exposto resulta de uma curadoria coletiva, da qual participaram os profissionais do museu e diversos grupos de pesquisa, indivíduos, coletivos e movimentos sociais da cidade.

Além de pensar sobre construção do comum pela multidão (que não é povo nem massa), também é objetivo da mostra questionar o papel

das instituições acadêmicas e culturais nesse processo. Por isso, tão importante quanto a exposição foi sua construção, que se baseou na troca de saberes horizontalmente (sem hierarquias) entre museu, universidade e atores que participam de processos multitudinários na cidade.

Para alcançar esse propósito, foram experimentados novos modos de organização do trabalho. Utilizando a lógica das assembleias populares horizontais, foram realizadas reuniões que garantiram um processo participativo com decisões coletivas. O material expositivo foi construído em workshops abertos à participação de qualquer interessado. Ideias, propostas e soluções também vieram de grupos de discussão criados em redes sociais e do trabalho de campo, ocorrido em várias partes da cidade.

Garantindo a emergência de novas vozes, essa exposição não é um trabalho concluído. Ela pode se transformar com a sua contribuição.” (Texto explicativo para o público nos painéis da exposição junto de material para que as pessoas possam interagir)

O workshop “Artesanias Expográficas” envolveu um processo de produção do mobiliário expográfico coletivamente, com chamada aberta, utilizando metodologia assembleária e também resíduos reaproveitados de exposições anteriores do Espaço do Conhecimento da UFMG. O mobiliário foi construído para ser utilizado na exposição “Cartografias do Comum” e também tem sido uma primeira ação do projeto de extensão “Artesanias do Comum” que pertence ao Programa “IND.LAB_Laboratório Nômade do Comum” do grupo de pesquisa Indisciplinar. O “Artesanias do Comum” possui ações que trabalham processos artesanais, acreditando na autogestão e, com ênfase nas artesanias, também pressupõe o uso de materiais recicláveis e reutilizados, assim como a produção coletiva e colaborativa. Produzir metodologias, táticas e estratégias para ampliar as possibilidades de uma vida em comum, o fazer-junto, fazer-com, e na construção de processos constituintes de uma nova sociedade baseada no comum é o principal objetivo deste projeto e daí a importância de envolver coletivamente diversos grupos que participam da exposição.

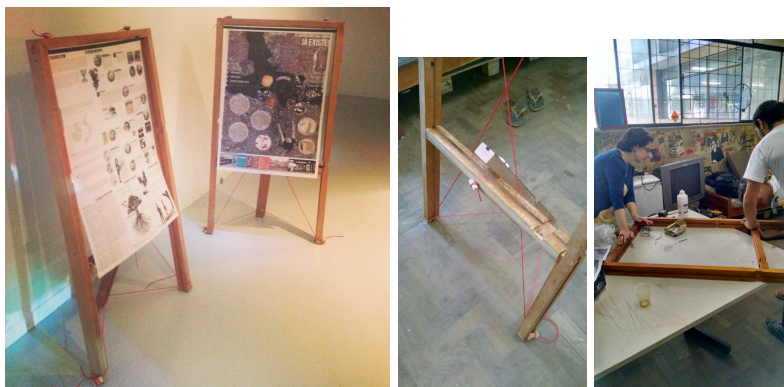


FIG. 02 - Display para Posters/Cartilhas Indisciplinares produzido no workshop Artesanias Expográficas

Várias ações envolvendo o espaço expositivo geraram trabalhos expostos e em processo de construção: Exposição “FotoCartografia” contendo temas como Gênero, Percursos, Comida, Vilas e Favelas, Futebol; “Mostra de vídeos do comum”; “Cafés Controversos”; Videos e imagens na “Fachada Digital” do Espaço.

O “Atlas das Insurgências Multitudinárias” foi uma das primeiras propostas museográficas que surgiu e se tornou a base para todos os outros projetos.



FIG. 04 – Atlas das Insurgências Multitudinárias composto por linha do tempo e mapa do município

Ele é composto por um mapa gigante plotado no chão junto de um painel contendo a linha do tempo das resistências em Belo Horizonte desde 2007 quando aconteceu o primeiro Duelo de Mcs no centro da cidade. A partir de então, vemos surgir de maneira exponencial em Belo Horizonte, diversos movimentos (independentes de partidos e sindicatos) como a Praia da Estação, o Fora Lacerda, a Assembleia Popular Horizontal e outros.



FIG. 05 – Trechos da linha do tempo do Atlas das Insurgências Multitudinárias

Este Atlas possui interação espaço-temporal chegando até o momento atual, e vem recebendo dos visitantes intervenções com *post its* para que possamos completa-lo em tempo real. O texto que o apresenta explica seu papel na exposição e é composto de quatro partes a seguir:

1. Construir um Atlas das Insurgências da multidão é cartografar as resistências no espaço e no tempo! Acredita-se que as novas resistências são da ordem da multidão, da positividade e não da negatividade. Elas não se configuram em uma unidade, como é o povo do Estado-nação, nem em massa ou consumidor do mercado. A

multidão é um projeto de produção do comum, e portanto, produz novos modos de vida que resistem ao capitalismo contemporâneo neoliberal. Ela não age na lógica do Estado socialista, nem do capital neoliberal, ela é da ordem do comum, e portanto, da auto-gestão e da autonomia. A multidão não é apenas espontaneidade, ela é potência de auto-organização. Sua estrutura é rizomática e se constitui em rede exercendo um trabalho vivo afetivo, recusando toda forma de ordenação vertical. A multidão traça linhas nômades e agencia uma máquina de guerra contra o Aparelho de Estado-capital. A multidão é performática, ao invés de vanguarda. Ela recusa o microfone, o carro de som e adota a estética como arma. A multidão é queer, ou qualquer sexualidade minoritária. Ela se constitui em tempos e espaços sobrepostos em ritmos de intensidade diversos, são resistências conectadas globalmente nas redes e nas ruas. A multidão é vadia, carnal, carnaval, trans, ameríndia, black, blocada em híbridos não capturáveis. Multidão é legião nomádica, tudo o que o poder não pode suportar.

2. Observa-se que as manifestações multitudinárias, fora da lógica do Estado ou do mercado, compõem um conjunto crescente de produção do comum em Belo Horizonte (e no mundo) desde o início do Século XXI. Para enxergarmos melhor (no espaço e no tempo) estas ações urbanas, que vêm construindo um conjunto de resistências à expropriação do comum em nossa cidade, decidimos construir um atlas.

3. Cartografar é resistir! Escolheu-se o método cartográfico para produzir este atlas, porque acreditamos que os métodos tradicionais de representação do território são insuficientes para compreender a fricção entre a produção do espaço e os modos de reprodução social. Como forma alternativa de se observar e experimentar eventos que produzem o comum urbano, realizamos um atlas que se processa, através do método cartográfico, não somente como uma estratificação de níveis de realidade, mas também como um modo coletivo de pensar e construir o espaço. Portanto, utilizamos diversos pontos de vista realizando um contraponto ao paradigma dominante, que se fundem aqui nesta linha do tempo linkando espaço e tempo, subjetividades e território, observação e experiência, ação e registro, apostas e realidade. Cartografar é produzir um mapa, um rizoma, uma multiplicidade de platôs que possam ser transformados, reduzidos e acrescidos a qualquer instante. Um mapa, atlas, cartografado, tem múltiplas entradas e está sempre aberto a múltiplas transformações.

4. O grid é a regra que conduz o traçado racional e dimensional do mundo cartesiano. Ele também faz parte das métricas que constituem os mapas convencionais que envolvem abstratamente a cidade apagando sua vida cotidiana. Escolhemos papeis milimetrados e diversas formas de medição providas da costura, dos moldes, das métricas racionais para compor um patchwork de base no qual os acontecimentos cotidianos funcionassem como linhas de fuga que escapam ao controle do território, dispensando alvarás, mundos criados pelas máquinas de guerra que destituem constantemente o Aparelho de Estado. Assim, as colagens manuais, recortes de panfletos, flyers, revistas, adesivos, cartilhas, fanzines, adesivos e toda uma produção diversa dos movimentos de resistência fazem parte do palimpsesto espaço-temporal deste atlas. O espaço liso do rizoma cresce em múltiplas direções, é subversivo e atravessa fluidamente o esquadramento estriado do poder. Cria-se aqui neste atlas, um modelo topológico dos nomadismos multitudinários." (texto dos proponentes para a etiqueta no espaço expositivo)

A “Coleção Posters/Cartilhas Indisciplinares” também está exposta no espaço e é resultado de ações contendo as copesquisas (ensino-pesquisa-extensão) realizadas pelo Indisciplinar nos anos de 2013 e 2014, tanto em disciplinas de graduação e pós-graduação, quanto em projetos envolvendo participação de trabalhos diversos junto a movimentos sociais como Fica Vila, Fica Ficus, Real da Rua, dentre outros. Tratam de ações acadêmicas e ativistas, descrevendo os processos, e também trazem uma série de informações para quem quer, por exemplo, atuar nos processos destituíntes dos poderes locais e também nos processos constituintes de novas formas de ativismo, que envolvam as redes, as ruas, as ações no Ministério Público, Audiências Públicas, artigos científicos, levantamento de dados, infográficos, aulões públicos, festas e ocupações.

O tema futebol atravessou duas instalações: Álbum de figurinhas “Campos de Várzea e as suas estruturas do comum”; e o vídeo futebol de “3 lados”. Já o tema da mobilidade urbana envolveu algumas atividades do movimento Tarifa Zero que gerou uma instalação com vídeo no interior do espaço e também um percurso que liga uma ocupação urbana a uma favela importante da cidade, segundo o próprio grupo:

“Direitos sociais beneficiam toda a sociedade e devem ser pagos por todos. Esta é a idéia que está por trás do Tarifa Zero, uma proposta que vem crescendo em todo o mundo. (...) Para isso nossa proposta é criar um transporte público que seja pensado para o usuário e pelo usuário. Repensar a mobilidade urbana, as tarifas, construir percursos com aqueles que de fato usam o transporte público, essa é nossa proposta. Nossa experiência nesse campo vai nos levar até as ocupações Eliana Silva e Cafezal, no dia 19 de julho, para participar de um dia de oficinas de hortas urbanas, banquete e trocas culinárias, música e ação política. Enquanto morar for um privilégio, ocupar será um direito, portanto ocupe a cidade, ocupe seu espaço público, ocupe-se.” (texto dos proponentes para a etiqueta no espaço expositivo)

O LEU - Laboratório de Expedições Urbanas-, ministrado pela artista plástica e Profa. Elisa Campos, e que faz parte do Grupo de Pesquisa LEVE – Laboratório de Estudos e Vivências da Espacialidade-, propôs uma instalação artística para o espaço e também um trabalho de derivas urbanas chamado “Chamado ao LEU”:

“CHAMADO AO LEU é uma intervenção que reivindica e problematiza a invenção artística no espaço urbano como plataforma privilegiada de reflexão e troca. Tal experiência, alimentada por leituras críticas e teóricas sobre a paisagem, sobre a identidade na contemporaneidade, os saberes local e global, além do debate sobre fronteiras geopolíticas e geoartísticas, consolidou-se através de

prospecções individuais e coletivas pela cidade. A partir dessas derivas foi escolhido um percurso, considerado potente pela diversidade de paisagens e situações encontradas, a fim de ser feito em formato de expedição através de convite aberto a toda a comunidade, cujo título foi: CHAMADO AO LEU. Apropriando-se de diferentes linguagens plásticas como a fotografia, a performance, as artes gráficas e dispositivos interativos e de ação, foram produzidas propostas específicas para acontecerem durante o circuito realizado de metrô e a pé. Diante dessa experiência e do interesse despertado por ela, convidamos a todos para o 2º CHAMADO AO LEU que agora partirá do evento CARTOGRAFIAS DO COMUM.” (texto dos proponentes para a etiqueta no espaço expositivo)

O tema trabalho colaborativo está sendo debatido também pelo coletivo Micrópolis num projeto chamado “Coletivo”:

“Coletivo consiste em quatro rodadas de conversas realizadas durante a exposição Cartografias do Comum entre os grupos envolvidos no processo curatorial da exposição, convidados externos e quem mais se interessar. As conversas, realizadas sobre uma mesa de trabalho na galeria, serão gravadas e adicionadas a um vídeo em exibição durante os dias de visitação. O trabalho propõe um processo de reflexão a respeito da noção do trabalho coletivo, suas possibilidades, motivações e limites para transformações no espaço e na experiência da cidade.

O que nos interessa e, ao mesmo tempo, inquieta sobre essa temática são as possibilidades de estruturas experimentais de trabalho que, livre de organizações hierárquicas e das amarras da autoria individual, permite questionar as regulamentações e enxergar o trabalho dos sujeitos envolvidos para além do seu campo original do saber e atuação.

A prática de um coletivo é também marcada por relações horizontais e flexíveis. São indivíduos com pontos de vista divergentes que se envolvem para elaborar questões comuns, motivados por interesses compartilhados e afetos mútuos. Nesse formato investigativo, onde há mais perguntas lançadas que respostas formuladas, os desacordos e conflitos são constantes, o que acaba por servir como força motriz para o avanço da prática do grupo.

A mesa de trabalho também reunirá uma série de peças impressas destacáveis e colecionáveis contendo diagramas e textos sobre a pesquisa Coletivo, possibilitando o visitante realizar a sua própria curadoria editorial do trabalho.” (texto dos proponentes para a etiqueta no espaço expositivo)

Outra linha temática fundamental para se falar em movimentos multitudinários e a produção do comum na atualidade é a ideia de Copyleft. Duas instalações fazem parte da exposição junto a uma máquina de xerox que permite a qualquer pessoa copiar e levar os trabalhos ali presentes. Uma delas é o “Copy&Leve” que coleciona parte da produção gráfica envolvendo os movimentos sociais em Belo Horizonte: cartazes, flyers, fanzines e o outro projeto de caráter internacional é o Projecto Multiplo, que faz parte de um

modelo de exposição que funciona como plataforma para apresentação e circulação de trabalhos no formato de "arte impresso", a fim de reunir uma parcela do que está sendo produzido hoje na América Latina. Com uma estrutura de pequeno porte, o Projecto Multiplo apresenta trabalhos realizados dentro da ideia de edição, tais como posters, livros, jornais, revistas, cédulas, fanzines, selos, adesivos, etc. No próprio texto da convocatória aberta a produtora do projeto anuncia:

“A ideia desta convocatória pública é construir coletivamente um acervo de publicações de artistas, afim de exibi-los em futuras exposições. Nessa edição, o PROJECTO MULTIPLO integrará a exposição Cartografias do Comum, realizada pelo Espaço do Conhecimento-UFMG e pelo grupo de pesquisa Indisciplinar da Escola de Arquitetura da UFMG, junto com diversos grupos de pesquisa e extensão da UFMG, coletivos artísticos e movimentos sociais autônomos. Trata-se de um evento com curadoria coletiva que tem como objetivo o debate e construção de novos processos sociais e de produção cultural que aglutinem a horizontalidade, a participação e a tomada de decisão colaborativa, e que sejam capazes de transformar as instituições culturais, como universidades e museus, inserindo-as em novos modos de produção do comum.”
(texto dos proponentes para a etiqueta no espaço expositivo)

Outro conjunto de ação importante é a organização de diversos seminários acadêmicos pelos grupos envolvidos. Estes seminários deverão contar com convidados internacionais, nacionais e locais que, durante dias, virão apresentar seus trabalhos de cartografias de processos de produção do comum, sejam elas teóricas ou práticas. Um dos seminários, que já está sendo organizado, é o “Cartografando a produção do comum no espaço contemporâneo” que contará com processos e resultados de ensino (disciplinas de graduação e pós-graduação da UFMG). Este seminário de 3 dias conta com convidados externos e tem seu foco teórico nas resistências multitudinárias, tanto táticas quanto estratégicas, como campo de luta contra os processos de controle biopolíticos do Estado-capital atual. Propõe-se aqui também a metodologia da cartografia como um conjunto de dispositivos biopotentes que buscam mapear e potencializar os *commons* urbanos criando um campo intelectual que investiga o cotidiano a partir de conceitos como: biopolítica, biopotência, multidão, micropolítica, rizoma e devir, espaço e urbano, etc.

3. Conclusão

Todo o processo de construção deste evento vem sendo realizado em reuniões semanais, grupos de discussão no facebook, e-mails e documentos compartilhados nos quais todos vão produzindo em tempo real e em comum o corpo da proposta. Portanto, temos observado que o envolvimento de todos na constituição deste processo tem acontecido de forma espontânea, mas também vem gerando diversas metodologias e estratégias para que a idéia central do projeto seja colocada em prática, perfurando lógicas burocráticas, tanto dentro de uma instituição de cultura, quanto dentro de uma das maiores universidades do país. Incorporar estas dinâmicas que vêm das ruas, das assembleias populares e dos movimentos sociais autônomos de forma horizontal e participativa, tem nos ofertado uma série de acontecimentos que poderão servir como base para muitas outras práticas envolvendo realização de eventos culturais, mas também, na construção do cotidiano dos grupos de pesquisa e coletivos. Tudo vem sendo registrado sistematicamente em vídeos, fotos e na fanpage do “Cartografias do Comum” (<https://www.facebook.com/pages/Cartografias-do-Comum/241739899361022?fref=ts>) e após a finalização em agosto de 2014, iremos iniciar um processo de organização de uma publicação, também adotando uma metodologia horizontal para sua confecção.

4. Agradecimentos

À todos que colaboraram com o processo e também à UFMG e às agências de fomento a pesquisa e extensão: CNPQ e Fapemig.

5. Referências

- HARDT, M.; NEGRI, A. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HARDT, M., NEGRI, T; **Commonwealth**. Cambridge e Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2009.
- PELBART, P. P. **Vida capital**. Ensaios de biopolítica. Ed. Iluminuras: São Paulo. 2003.